

O sertão e a guerra de canudos em diálogo: percepções ficcionais em José de Alencar, Euclides da Cunha e Vargas Llosa

Francisco Lima Baca*

UNAM – México

PNPD – CAPES - Universidade Estadual de
Feira de Santana

Cláudio Cledson Novaes**

Universidade Estadual de Feira de Santana

* Formado na Universidade Nacional Autónoma de México - UNAM. Fez mestrado e doutorado em Estudos Latino-americanos na UNAM. O foco da sua pesquisa é a comparação dos projetos literários nacionais desenvolvidos no século XIX na América Latina e a sua repercussão na expressão literária do século XX. Pós-Doutorando pelo PNPD – CAPES no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL – UEFS.

E-mail: flimaba@gmail.com

**Professor do Departamento de Letras de Artes da UEFS, tem Mestrado em literatura (UFBA), e Doutorado em Ciências da Comunicação (USP), com Estágio de Pós-Doutorado em Comunicação (UFRJ); é membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL / UEFS.

E-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com

Resumo

Neste artigo estabelecemos um diálogo sobre a categoria narrativa de sertão, problematizando algumas teorias críticas da formação de identidades literárias; analisamos aspectos do romance de José de Alencar, *O sertanejo*, como transfiguração da natureza da região e uma idealização do espaço físico e geográfico do sertão no século XIX; em contraponto com a descrição desta mesma realidade na crônica positivista do jornalista Euclides da Cunha, *Os sertões*, como transição para o século XX; por fim, cotejando estas transfigurações narrativas com o romance histórico de Mario Vargas Llosa, *La guerra del fin del mundo*, escrito final do século XX, a partir de perspectivas literárias que enfocam a complexidade cultural contemporânea em movimentos sociais que reverberam uma política identitária latino americana a partir da literatura.

Palavras-chave: Literatura; Sertão; Transfiguração; Diálogo.

Resumen

José de Alencar en la novela: *O sertanejo* desarrolla una concepción estética del sertón como parte de un proyecto literario romántico. El “romance regional” transfigura la naturaleza de la región del Nordeste a partir de la idealización del espacio físico y geográfico para describir la complejidad de Brasil como parte de la creación de la literatura brasileña en el siglo XIX. En ese sentido, la crónica periodística de Euclides da Cunha en la obra: *Os sertões* establece un diálogo con dicha idealización con una perspectiva que muestra la realidad social, religiosa y cultural de una región compleja. Euclides da Cunha describe el contexto de la Guerra de Canudos desde una visión periodística que muestra las contradicciones entre las categorías “civilización” y “barbarie”. La relación entre la novela regionalista de Alencar y la obra de Euclides da Cunha tienen puntos de encuentro con la novela histórica de Mario Vargas Llosa: *La guerra del fin del mundo* en el siglo XX. El novelista peruano crea un diálogo con las dos perspectivas literarias al reconstruir y transfigurar, a partir de la literatura, los diversos acontecimientos políticos, sociales y culturales que definen a la región del sertão, así como su complejidad cultural. La comparación entre las tres perspectivas estéticas da origen a un diálogo entre tres horizontes diferentes de la realidad a partir de la transfiguración literaria.

Palabras clave: Literatura; Sertão; Transfiguración; Dialogo.

Recebido em dezembro de 2018

Aprovado em março de 2019

BACA, Francisco Lima; NOVAES, Claudio Cledson. *O sertão e a guerra de canudos em diálogo: percepções ficcionais em José de Alencar, Euclides da Cunha e Vargas Llosa*. *Légua & Meia*, Brasil, n. 09, v. 1, p. 124-131, 2018.

A teoria da literatura comparada é um método para aproximar semelhanças e diferenças entre expressões literárias, definindo um modelo de análise e formulando uma metodologia para o contraponto entre obras literárias e outras tipologias de narrativas. Um dos objetivos do comparatismo é supor a existência de um conjunto específico de problemas comuns entre as obras, e interessa ao crítico examinar quais são, como evoluíram no tempo, como alimentaram a curiosidade dos estudiosos, como se definiram e se redefiniram em situações diversas e, ainda, por que permanecem no centro das preocupações comparatistas.

De forma particular, os ensaios: “Sentido e função da literatura comparada na América Latina”; “Literatura comparada na América Latina: do etnocentrismo ao diálogo de culturas” e “Mestiçagem e multiculturalismo na construção da identidade cultural latino-americano”, entre outros reunidos no livro organizado por Eduardo F. Coutinho e Tânia F. Carvalhal (1994), determinam um modelo de comparação entre diversas obras literárias na América Latina, a partir das seguintes categorias: a) A constante procura de uma “originalidade”, que nos processos de formação de uma literatura na América Latina tem a ver com a ideia de criar uma literatura diferente, a partir da complexidade estética em diálogo com as diversas expressões narrativas de outras literaturas; b) A apropriação cultural, aquilo que nos processos históricos estabeleceram a identidade híbrida dos diversos países latino-americanos (de forma geral o processo de conquista, de colonização e de independência), gerando uma apropriação cultural das diversas manifestações literárias para criar uma originalidade, não só narrativa, mas de concepção do real, pois as identidades em nações que surgiram do período pré-independência e da independência utilizaram a literatura como ferramenta de linguagem para fundamentação da história, ao representar as características da nova sociedade independente, e c) A construção de uma identidade cultural de caráter latino-americano, que é um aspecto fundamental da comparação das diversas expressões literárias, por criar a ideia de uma identidade cultural latino-americana.

No caso da literatura brasileira, um exemplo comparativo original entre discursos é o conceito de “malandragem”, que se estender em algumas narrativas do Brasil no século XIX, em contraponto com a identidade nacional romântica. No ensaio de Antônio Candido: “Dialética da malandragem (Caraterização das Memórias de um sargento de milícias)”, o autor introduz a metodologia comparada para compreender diversas manifestações literárias brasileiras, permitindo estabelecer um jogo entre a representação social e o movimento estético. Antônio Candido define o malandro brasileiro do século XIX movimentando-se entre dois polos: o da ordem e o da desordem. Este movimento pendular mostra a capacidade dos personagens se desenvolverem nas fronteiras de vários campos: o histórico, o social, o político e o dos costumes, todos desenvolvidos numa estética da narrativa de transição, que é o romance de Manuel Antônio de Almeida. Os malandros se movimentam num pêndulo onde os dois polos, como define Antônio Candido, mostram a complexidade da estética romântica do escritor tardio, pois diversos personagens do romance oscilam entre aspectos positivos e negativos da identidade nacional no século XIX no Brasil. Além da movimentação estética dos personagens, a descrição do contexto histórico e social na obra é o pano de fundo que faz com que a narrativa inaugure aspectos da modernidade literária na literatura brasileira, como um berço de outras manifestações complexas, como o romance *Macunaíma*.

A partir desta reflexão inicial sobre as questões metodológicas do comparatismo, passamos a refletir sobre o problema de comparar as obras escolhidas: como comparar

três obras literárias que representam aspectos históricos e culturais próximos, mas com modelos éticos e estéticos que aproximam pela diferença?

Comparar o modelo romântico brasileiro de José de Alencar com o ensaio de caráter jornalístico de Euclides da Cunha, ou com o romance histórico de Mario Vargas Llosa é pensar sobre representações que mobilizam olhares diferentes em relação a um mesmo aspecto histórico, por isto, articulamos o modelo crítico de Antônio Candido para pensarmos além das afinidades, trazendo as contradições dos elementos literários comparados.

Do texto Antônio Candido, chegamos ao livro de Aleilton Fonseca, *O pêndulo de Euclides* (2009), que situa a perspectiva do sertão como um discurso pendular em relação ao de Euclides da Cunha. Aleilton faz uma reflexão humanística e crítica da guerra, para estabelecer um jogo entre as histórias da Guerra de Canudos e o juízo crítico do autor contemporâneo sobre a hegemonia da narrativa euclidiana, construindo seus personagens a partir de atores sociais a contrapelo do Sertanejo, de Alencar, e de Os Sertões, de Euclides. Os elementos mobilizados por Aleilton em seu romance ensaio se equivalem ao movimento pendular de Antônio Candido na metáfora da “malandragem”; em *Os Sertões* de Euclides, o autor assume outra postura frente ao acontecimento narrado, pêndulo semelhante ao que o romancista mexicano Alberto Ruy Sánchez (1987) define como a “poética de pulsões vitais”, ao analisar a obra do romancista mexicano José Martínez Sotomayor, no qual a “poética de pulsões vitais” revela a experiência do romancista, ou do crítico, em relação ao acontecimento que narra ou analisa, demonstrando que a escrita tem uma “intensidade literária” e uma “multiplicidade de rasgos narrativos”, num jogo entre a narração baseada na “experiência de vida” e na invenção, ou a reinvenção de acontecimentos históricos em texto de ficção literária, ou no ensaio crítico.

Na chamada “pulsão vital”, “o poeta”, como define Alberto Ruy Sánchez, ou, no caso do ensaio de Aleilton Fonseca, “o narrador”, tece a trama como “tecerá uma tela” (SANCHEZ, 1987), tomando a definição de Sanchez do romance de José Martínez Sotomayor, *La rueda de aire*; neste romance, o romancista fundamenta a história na intuição de um personagem feminino que percebe os acontecimentos ao redor sem sair do quarto onde se encontra, elaborando uma impressão psicológica dos espaços descritos, a partir da sua percepção de mundo. Porém o que é definido como um “tecido” dos acontecimentos, ou percepções, tem a ver com a pulsão vital que Alberto Ruy Sánchez transforma numa categoria de análise.

No jogo de ensaio histórico e de ficção, de criação de personagens e da representação de personagens reais, as interpretações literárias podem estabelecer um ponto de encontro entre perspectivas poéticas diferentes, como *O sertanejo*, de José de Alencar; *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa; obras opostas nas formas das interpretações históricas e políticas distintas, mas da mesma região geográfica e cultural mobilizada por expressões literárias em diálogo. Nesse sentido, Erich Auerbach (2004), no ensaio “Fortunata”, compara três obras literárias: *O Satíricon*, de Petrónio, a *História* de Tucídides e um fragmento do *Novo Testamento*, do apóstolo Marcos; na análise de Auerbach, os pontos em comum das três obras definem-se por uma concepção de que são discursos poéticos (a plasticidade estética, a voz dos diversos narradores, a descrição dos contextos sociais de cada obra) diferentes na construção social e histórica de personagens literários, além disto, ele diz que a diferença se afirma na complexidade das ações dos personagens. Auerbach chama a atenção para a condição social, histórica e política dos personagens nos textos latinos, como dominados pela condição do medo, o que os torna “mais humanos”, tomados a partir deste mesmo sentimento na narração bíblica.

O Sertanejo é o projeto literário de interpretação da natureza, da caracterização humana do sertão e do idílio amoroso na concepção da poética romântica, retomando normas cavaleirescas do personagem no vaqueiro que preserva a filha de um coronel, tomando-a como uma princesa a ser conquistada pelo cavaleiro medieval. Mas, da mesma maneira que há uma concepção estética romântica nas normas morais e éticas, o romance de Alencar se movimenta por um olhar associado ao popular regional. Nos textos, “Como e porque sou romancista”, “Ao correr da pena” e nas “Cartas”, escrito como resposta ao poeta Gonçalves Magalhães na polêmica de A Confederação dos Tamoios, José de Alencar define a literatura brasileira nos romances indianista, regional, histórico e urbano como uma poética nacional, afirmando o caráter literário brasileiro na língua original do português no Brasil, assim como na originalidade da natureza, ressaltando a plasticidade dos personagens idealizados do Brasil. Na nota preliminar do romance de Alencar, M. Cavalcanti Proença afirma que nas cartas escritas para Joaquim Serra, José de Alencar assinala que é fundamental criar e entender a poética regionalista, como a que define o sertão e os personagens como parte do contexto e reconhecidos por uma linguagem original.

As características originais atribuídas nas “Cartas ao Sr. José Serra”, do texto O nosso cancionista, José de Alencar define dois aspectos regionais do sertão: a natureza do touro, como um ser agreste e poderoso, e o caráter do vaqueiro, como guerreiro que consegue dominar a força bruta e poderosa do animal adversário. A descrição dialética do homem frente ao bruto natural representa, de acordo com José de Alencar, é a metáfora poética do vaqueiro real e do personagem, que tem como pano de fundo “os costumes pastoris” da região no “romance regional”. Nesse sentido, vejamos como no romance O sertanejo o personagem Arnaldo é definido como a figuração poética do vaqueiro:

O vaqueiro cearense, porém, corre pelas brenhas sombrias, que formam um inextricável labirinto de troncos e ramos tecidos por mil atilhos de cipós, mais fortes que uma corda de cânhamo e crivados pelos espinhos [...] Às vezes o intervalo entre dois troncos, ou a aberta entre dois galhos, é tão estreita que não podem passar nem o seu cavalo nem ele, separados, quanto mais juntos. Mas é preciso que passem [...] Não se compreende esse milagre de destreza senão pela perfeita identificação que se opera entre o cavalo e o cavaleiro. Unidos pelo mesmo ardente estímulo, eles permutam entre si suas melhores faculdades. (ALENCAR, 1958, p.1155)

É este o mesmo tipo regional retomado por Euclides da Cunha, para configurar o sertanejo como um forte e a “rocha viva” do caráter nacional. Em “Grandeza e miséria dos sertões”, Dante Moreira Leite (1992) estabelece uma diferença entre este personagem regionalista e o urbano, a partir da caracterização pastoril. As duas categorias de personagens alencarianos completam o seu projeto narrativo de representar o Brasil, no século XIX. O romance urbano é a descrição dos costumes da sociedade brasileira da corte do Rio de Janeiro, face aos aspectos das diversas regiões interiores. Euclides da Cunha acrescenta a originalidade de ir mais além da descrição idílica dos sertões, trazendo aspectos ainda desconhecidos da região, com o olhar de cientista e jornalista que noticia e explica o sertão a partir da Guerra de Canudos. Este movimento do romantismo ao naturalismo, na construção do personagem sertanejo, aponta características pendulares das narrativas entre a ética e a estética atribuídas ao personagem sertanejo.

Os sertões é uma análise racionalista da Guerra de Canudos, para chegar à definição do sertão como metáfora do Brasil, pela ótica iluminista esclarecida na qual a racionalidade é a ferramenta de percepção do mundo pelo escritor moderno especialista nas ciências da geografia. Neste sentido, os ensaios de Gilberto Freyre, Franklin Oliveira

e de Afrânio Coutinho (1966) coincidem nesta categoria de “esclarecimento”, em relação à obra de Euclides da Cunha, quando analisam o olhar artístico transfigurador da realidade na escrita. No texto de Gilberto Freyre (1966) “Euclides da Cunha. Revelador da realidade brasileira”, por exemplo, o autor afirma que “na obra de Euclides da Cunha predominaram as virtudes artísticas sobre as científicas” (1966, p. 29); da mesma maneira, Franklin de Oliveira, no ensaio “Euclides da Cunha”, para ele, Euclides, em *Os sertões*, tem a “vocalização de ficcionista, de romancista é na sua capacidade para movimentar massas, jogá-las sinfonicamente, larga e numerosamente” (1969, p. 194); ainda na opinião de Franklin de Oliveira, na obra de Euclides da Cunha, uma das coisas mais importantes é a capacidade artística do autor para descrever o universo social, geográfico e cultural da região dos sertões.

Dante Moreira Leite (1992) afirma ainda que Euclides da Cunha descreve a região de Canudos a partir de um discurso estruturado nas categorias da modernidade, como barbárie e civilização, da mesma maneira que reproduz a plasticidade clássica, ao descrever grandes espaços e personagens como numa epopeia, para mostra a complexidade regional do Brasil em sua expressão literária. Para o crítico, Euclides da Cunha, como ensaísta e criador, não só faz uma descrição de caráter jornalística, ou científica, mas também uma narração humana e artística na qual transfigura a realidade dos acontecimentos. Nesse sentido, Afrânio Coutinho (1966), no seu texto “Os Sertões, obra de ficção”, além de concordar com as ideias de Gilberto Freyre e de Franklin de Oliveira, ele define que Euclides da Cunha é um “transfigurador da realidade”, pois a partir da narração dos acontecimentos consegue descrever de forma artística e plástica os personagens dos acontecimentos, como um discurso de fundo romantizado, mas mitigado pelo racionalismo do intelectual positivista, como neste trecho de “O Homem”, em *Os Sertões*:

Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Impertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (CUNHA, 1966, p.170).

Euclides da Cunha faz uma reflexão de caráter científico e ficcional do sertanejo, descrevendo como um personagem aparentemente descuidado num meio agreste, de alguma maneira, condicionado pela natureza do sertão, mas, da mesma maneira, descreve o sertanejo como um titã, como um guerreiro, ou campeador capaz de grandes proezas na natureza brutal.

Na comparação entre o caráter romântico do sertanejo de José de Alencar e o caráter ensaísta de Euclides da Cunha, podemos estabelecer nas duas interpretações um ponto em comum fundamental: a admiração e a maneira de transfigurar plasticamente a realidade. No caso de Alencar, a poética romântica tem a complexidade de abranger as diversas regiões do Brasil no seu projeto literário; e no caso de Euclides da Cunha a complexidade da experiência de vivenciar como jornalista a guerra de Canudos, e descobrir uma região para além da idealização poética numa crônica, transfigurando a guerra na metáfora para elaborar o discurso da ordem e da desordem na perspectiva da modernidade.

No texto *O pêndulo de Euclides*, Aleilton Fonseca redefine a descrição de Euclides da Cunha, a partir de pesquisas atuais in loco na região de Canudos, atribuindo ao

romance histórico contemporâneo o caráter de crítica embasada em novas pesquisas sociais. Neste romance, a narrativa parece se afastar da “pulsão vital” que move o olhar romântico de Alencar e o positivista de Euclides, transfigurando a região a partir de aspectos culturais, como traços da memória da população. O George Lukács, no livro O romance histórico, define como novo olhar do romance histórico no século XX, que modifica a imagem do homem comum nos grandes acontecimentos históricos das nações. Essa diferença, segundo Francisco Fleck (2017, p. 35), é “uma nova modalidade que desconstrói a hegemonia do discurso historiográfico no contexto latino-americano. O romance histórico do século XX não só reconstrói os grandes acontecimentos, mas também é a “leitura crítica da história” e uma reinterpretação dos acontecimentos sociais e políticos. O romance de Mario Vargas Llosa se insere neste mesmo sentido transfigurador, que vêm do romantismo e do realismo, mas seus personagens históricos participam da narrativa ativando as novas categorias éticas de minorias sociais, que só tinham papel estético no romance do século XIX.

Nos livros *Diálogo sobre la novela Latinoamericana* e *La historia secreta de una novela*, Mario Vargas Llosa define o romance no século XX, a partir de duas categorias: “A transformação de acontecimentos históricos e sociais na literatura” e a “Transfiguração narrativa”. Esses dois conceitos estabelecem como a ficção narrativa no romance histórico transfigura a realidade para chegar ao novo olhar. Nesse sentido o romance *La guerra del fin del mundo* traz uma nova concepção artística e histórica de reconfigurar um acontecimento histórico e político. Um elemento fundamental neste processo de reconfiguração da realidade, que podemos ler no romance histórico de Mario Vargas Llosa, é o que Ángel Rama define como construção de um corpo arquitetônico metafórico no romance no qual a multiplicidade e plasticidade dos personagens são parte. O “corpo arquitetônico” é a metáfora da história no romance de Vargas Llosa *La guerra del fin del mundo*, tomada por Ángel Rama utiliza no ensaio: “«La guerra del fin del mundo»: una obra maestra del fanatismo artístico”. A narrativa toma um fato concreto, ou, utilizando a metáfora de Ángel Rama, os alicerces do romance é o fato histórico numa transfiguração artística dos sertões e dos personagens vivendo uma batalha épica:

[...] hay que distinguir cada muerte individual con un rasgo privativo; alternar las visiones panorámicas y los combates personales; equilibrar escenas de guerra y paz; desplazarse entre ambos campos; volver oportunamente atrás para revisar las causas remotas; preanunciar el desenlace y demorarlo; introducir los temas privados concediéndoles un espacio dentro de los públicos; seleccionar los puntos de vista acondicionándolos a los personajes y éstos a las acciones y éstas a las líneas tendenciales; variar las perspectivas interpretativas; dotar oportunamente a los actores de un envés privado que, de acuerdo a una cosmovisión que nos viene del realismo psicológico dostoiévskiano, debe oponerse discordantemente a los comportamientos públicos pero al mismo tiempo justificarlo en un nivel profundo [...]
(RAMA, 1983, p. 339)

O romance de Mario Vargas Llosa, de acordo com Ángel Rama, desenvolve uma reinterpretação estética do acontecimento histórico, utilizando um estilo quase jornalístico, mas complexo por seus vários níveis de interpretação social e histórica. O romancista descreve os espaços e os atores que participaram do movimento e, da mesma maneira que Alencar e Euclides da Cunha faz uma descrição real e transfigurada dos sertanejos. Para o narrador, a Guerra de Canudos é o fato histórico assombroso com personagens titãs numa guerra quase apolítica, como vemos num trecho do romance que se refere ao guerreiro Pajeú:

Ha salido así tantas veces, desde que tiene uso de razón, en las noches, escondiéndose para dar un zarpazo o para evitar que se lo dieran, que no está más inquieto esta vez que las otras. Para Pajeú la vida es eso: huir o ir al encuentro de algún enemigo, sabiendo que atrás y adelante hay y habrá siempre, en el espacio y en el tiempo, balas, heridos y muertos. [...] De repente, irrumpe por la rampa un pelotón, encabezado por un oficial que apunta con el sable a la catinga. Pajeú ve como taconeando con ferocidad en su bayo nervioso, piafante. Ninguno de los jinetes rueda en la rampa, todos llegan al pie de la vertiente pese a la lluvia de balas. Pero todos caen, acribillados, apenas invaden la catinga. El oficial del sable, alcanzado por varios tiros, ruga: “¡Muestren la cara cobardes!” “¿Mostrarles la cara para que nos maten?”, piensa Pajeú “¿Eso es lo que los ateos llaman hombría?” Extraña manera de pensar; el diablo no sólo es malvado, sino estúpido. (LLOSA, 1981, p.367)

Tomamos apenas o exemplo do Pajeú, como personagem do romance de Mario Vargas Llosa que encena a representação transfigurada em diálogo com o sertanejo de Alencar e o de Euclides, seja pelas características estéticas, seja pela descrição do sujeito bárbaro que se confunde com a natureza e geografia da região, e por isto consegue enfrentar um exército poderoso e disciplinado como um cavaleiro e guerreiro em armadura natural.

As três narrativas mostram a complexidade e evolução do romance histórico que, a partir do século XX, como afirma Francisco Fleck, no livro *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre tradição e desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção* estabelecem os novos rumos de personagens históricos complexos, como também assinala Ángel Rama sobre narrativas que ampliam a representação e fundam outros olhares sobre os personagens envolvidos nos eventos da História.

Referências:

- ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, em José de Alencar, *Obras completas. Volume III. Romance histórico, Lendas indianistas, Romance regionalista e Fragmentos*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1958.
- ALENCAR, José de. “Cartas ao Sr. José Serra” do texto “O nosso cancionista”, em José de Alencar, *Obras completas. Volume IV. Teatro, Poesia, Crônica, Ensaios literários, Escritos políticos e Epistolário*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1958.
- AUERBACH, Erich. “Fortunata”, em *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2004.
- CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem (Caracterização das Memórias de um sargento de Milícias)”, em Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo, Círculo do Livro; *Grandes da Literatura Brasileira*, 15, S/D
- COUTINHO, Eduardo F; e CRAVALHAL, Tânia Franco (Orgs.) *Literatura comparada. Textos Fundadores*, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. “Os Sertões, obra de ficção”, em Euclides da Cunha, *Obras completas. Volume II. Estudo liminar, Ciclo D’os Sertões, Apêndices*, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1966
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões* em Euclides da Cunha, *Obras completas. Volume II. Estudo liminar, Ciclo D’os Sertões, Apêndices*, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1966.
- FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre tradição e desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba, Editora CRV, 2017.
- FONSECA, Aleilton. *O pêndulo de Euclides*. São Paulo, Bertrand Brasil, 2009.

- FREYRE, Gilberto. “Euclides da Cunha. Revelador da realidade brasileira” em Euclides da Cunha, *Obra completa. Volume I. Introdução geral, Ensaios, estudos e artigos, Crônica, Poesia, Números e Diagramas*, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1966.
- LLOSA, Mario Vargas. *La historia secreta de una novela*. Barcelona, Tusquest Editor, 1971.
- LLOSA, Mario Vargas. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona, Editorial Seix Barral, 1981.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1992.
- LUCÁKS, György. *O romance histórico*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2015.
- MÁRQUEZ, Gabriel García y LLOSA, Mario Vargas. *Diálogo sobre la novela Latinoamericana*. Lima, Editorial Perú Andino, 1988.
- OLIVEIRA, Franklin de. “Euclides da Cunha”, em *A literatura no Brasil. Vol. III, Realismo-Naturalismo-Parnasianismo*, Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1969.
- PROENÇA, Cavalcante. “Nota preliminar” em José de Alencar, *Obra completa. Volume III. Romance histórico, Lendas indianistas, Romance regionalista e Fragmentos*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1958.
- RAMA, Rama. “La guerra del fin del mundo»: una obra maestra del fanatismo artístico” em RAMA, Angel. *La crítica de la cultura en América Latina*. Venezuela, selección y prólogo de Saúl Sosnowski y Tomás Eloy Martínez, Biblioteca Ayacucho, 1985.
- SÁNCHEZ, Alberto Ruy. “Prólogo”, em José Martínez Sotomayor, *Trama de ventos. Cuentos y relatos completos. Volumen 1*, México, Colección Biblioteca, 1987.